

# Nuno Júdice. 10 iconotextos

Objekttyp: **Group**

Zeitschrift: **Boletín hispánico helvético : historia, teoría(s), prácticas culturales**

Band (Jahr): - **(2007)**

Heft 9

PDF erstellt am: **30.06.2024**

## **Nutzungsbedingungen**

Die ETH-Bibliothek ist Anbieterin der digitalisierten Zeitschriften. Sie besitzt keine Urheberrechte an den Inhalten der Zeitschriften. Die Rechte liegen in der Regel bei den Herausgebern.

Die auf der Plattform e-periodica veröffentlichten Dokumente stehen für nicht-kommerzielle Zwecke in Lehre und Forschung sowie für die private Nutzung frei zur Verfügung. Einzelne Dateien oder Ausdrucke aus diesem Angebot können zusammen mit diesen Nutzungsbedingungen und den korrekten Herkunftsbezeichnungen weitergegeben werden.

Das Veröffentlichen von Bildern in Print- und Online-Publikationen ist nur mit vorheriger Genehmigung der Rechteinhaber erlaubt. Die systematische Speicherung von Teilen des elektronischen Angebots auf anderen Servern bedarf ebenfalls des schriftlichen Einverständnisses der Rechteinhaber.

## **Haftungsausschluss**

Alle Angaben erfolgen ohne Gewähr für Vollständigkeit oder Richtigkeit. Es wird keine Haftung übernommen für Schäden durch die Verwendung von Informationen aus diesem Online-Angebot oder durch das Fehlen von Informationen. Dies gilt auch für Inhalte Dritter, die über dieses Angebot zugänglich sind.

Nuno Júdice  
*10 iconotextos*  
*Selección y versión de Susana Díaz*

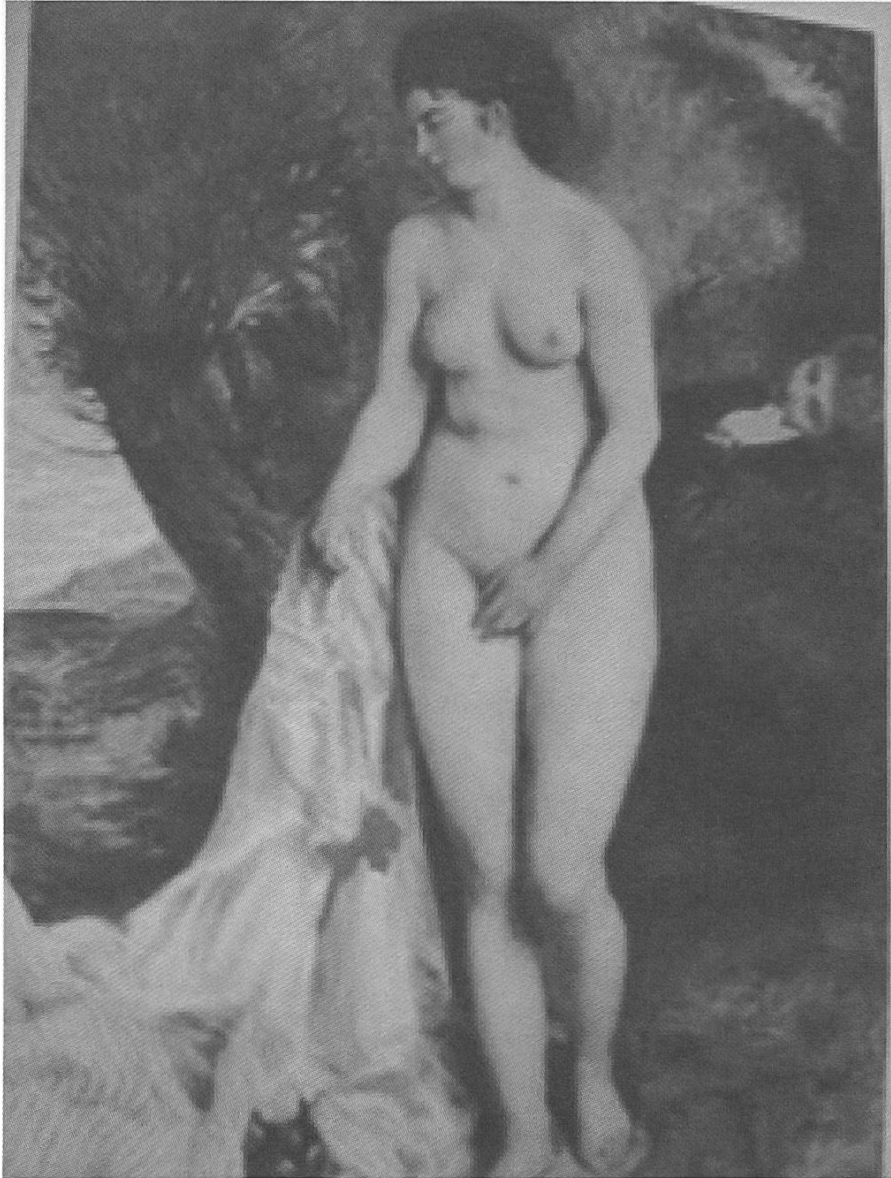


DISTÂNCIA

Entro no teu quarto, como se / entrasse no mar. Um temporal de  
perguntas / enrola os teus cabelos. Lanças-te / contra as ondas de um  
sonho antigo, / e abres a porta da varanda / para te sentares à cadeira  
/ do oriente, apanhando o vento / da tarde. «Não te levantes, digo,  
/ e deixa que os teus olhos se libertem / de sombra, depois de uma  
noite / de amor, para me abrigarem / da luz estéril da madrugada.»  
Mudas / de posição, como se me tivesses / ouvido; e o teu corpo  
enche-se / de palavras, como se fosses / a taça da estrofe.

## DISTANCIA

Entro en tu cuarto como si  
entrara en el mar. Un temporal de preguntas  
enrolla tus cabellos. Te lanzas contra las  
olas de un sueño antiguo,  
y abres la puerta del balcón  
para tumbarte en el diván  
hacia oriente, a recibir el viento  
de la tarde. «No te levantes, digo,  
y deja que tus ojos queden libres  
de sombra, al final de una noche  
de amor, para que me protejan  
de la luz estéril de la madrugada.»  
Cambias de posición, como si hubieses  
oído; y tu cuerpo  
rebosa de palabras, como si  
fueses el cáliz de la estrofa.



NINFA APANHADA NO BOSQUE  
Auguste Renoir

Por que se despe? Ou por / que se veste? Entre um e outro /  
movimento, é o corpo que / se oferece. A quem? Para / quê? Não  
se sabe quem / a merece: fauno à deriva / em campos sem  
ninguém, / ou amante perdido / à sua mercê. É para ti / que ela  
olha? Ou para / mim, que a pinto? No seu / pedaço de campo,  
talvez / me acolha; e se disser / que não a quero, minto.

## NINFA SORPRENDIDA EN EL BOSQUE

Auguste Renoir

¿Por qué se desviste? O ¿por  
qué se viste? Entre un movimiento  
y otro, el cuerpo es quien  
se ofrece. ¿A quién? y ¿para  
qué? No se sabe  
quién la merece: fauno a la deriva  
en campiñas sin nadie,  
o un amante perdido  
a su merced. ¿Te mira  
a ti? ¿O es a mí  
que la pinto? Tal vez  
en su porción de campo  
me acoja; y si dijese  
que no la quiero, miento.



À MANEIRA DE EURÍDICE  
P. C. Beaufaux

Folha que passou num antigo outono, / deixa atrás dela o que não se vê: / a direcção do olhar para um canto / de parede, onde um espelho a / reflecte. E vejo estes olhos / falarem, para que outros / olhos os desviem da imagem / defunta. Mas quando o meu olhar / se cruza com o seu, o reflexo / dissipa-se, como fumo de incenso; / e onde havia imagem e vida, só / um resto de pó ainda brilha, / no vidro, para que alguém o limpe, / e outro rosto apareça.

A LA MANERA DE EURÍDICE  
P. C. Beaufaux

Hoja que pasó en un antiguo otoño,  
deja tras de ella lo que no se ve:  
la mirada se dirige a un ángulo del muro,  
donde un espejo la  
refleja. Y veo cómo esos ojos  
hablan para que otros  
los alejen de la imagen difunta.  
Mas cuando mi mirada  
se cruza con la suya, se disipa  
el reflejo, como un humo de incienso;  
y donde había vida e imagen, sólo un resto  
de polvo brilla aún, en el cristal,  
para que alguien lo limpie,  
y otro rostro aparezca.



### ACORDAR

Girolamo Induno (1827-1890)

Um pássaro canta de fora da janela; / o sol da manhã despeja a sua  
luz / sobre o campo. Ela ocupa-se em nada, / como a libélula que  
procura / os filamentos de brilho na água / do charco. E a vida  
declina / na oblíqua sonolência dos seus olhos.



DESPERTAR  
Girolamo Induno (1827-1890)

Fuera de la ventana canta un pájaro;  
el sol de la mañana deja caer su luz  
sobre el campo. Ella se ocupa en nada,  
como la libélula que persigue los hilos  
de brillo sobre el agua  
del charco. Y la vida declina  
en la oblicua somnolencia de sus ojos.



A ARTE DA MELANCOLIA  
Heinrich Maria Hess (1798-1863)

O olhar desloca-se para as rosas que estão / em primeiro plano,  
como se tivessem sido acabadas / de colher. A mulher, porém, tem  
outras / flores na mão; e obriga-nos a hesitar entre o pote / de onde  
nascem as rosas e o colo em que pousam / as flores. Trata-se de  
uma hesitação breve, / porque logo o seu rosto leva-nos a divagar  
/ acerca da paisagem. Vemo-la ao fundo, / num semicírculo que  
tem a forma perfeita / do seio que o vestido esconde, e se poderia  
/ confundir com uma visão do paraíso se / a mulher nos aparecesse  
como um anjo. Mas / não tem asas; e o seu corpo empurra para /  
longe a transcendência, mesmo que o seu rosto / se perca numa  
vaga tristeza que as flores / caídas acentuam. No entanto, se em  
vez desse / mórbido acento me fixar no brilho das primeiras /  
rosas, posso transferir a cor das pétalas / para cada uma das faces,  
e ela levantar-se-á / com uma pose de anjo, transformando / a  
paisagem, ao fundo, na imagem do paraíso.

EL ARTE DE LA MELANCOLÍA  
Heinrich Maria Hess (1798-1863)

La mirada se vuelve hacia las rosas  
que están en primer plano, como acabadas  
de coger. No obstante, la mujer tiene otras flores  
en la mano; y nos obliga a dudar entre la tinaja  
donde nacen las rosas y el tallo en que se posan  
las flores. Es una duda breve,  
porque luego su rostro nos lleva a divagar  
acerca del paisaje. Lo vemos en el fondo,  
en un semicírculo que tiene la forma perfecta  
del seno que el vestido esconde, y se podría  
confundir con una visión del paraíso si  
la mujer se nos apareciese como un ángel.  
Pero no tiene alas; y su cuerpo empuja  
la transcendencia lejos, lo mismo que su rostro  
se pierde en una vaga tristeza que las flores  
alcaídas acentúan. Entre tanto, si en vez  
de en ese lánguido acento me fijase en el brillo  
de las primeras rosas, podría transferir el color de los pétalos  
a todas las figuras, y ella se levantaría  
con la pose de un ángel, transformando  
el paisaje, al fondo, en la imagen del paraíso.



## MATISSE E A ODALISCA

Com o caderno na mão, desenha os esboços / que me lembram um  
almoço de couscous, / há uns anos, com um equilibrista pelo meio.  
No entanto, / os desenhos tinham a luz do norte de África, muito  
/ diferente da luz de Paris onde estava a exposição; / e se um barco  
atravessava a esfera de alcance / da minha vista, é porque  
estávamos na primavera, / e já havia turistas no Sena, a espreitarem  
o instituto / do mundo árabe com as suas janelas necrológicas, /  
que deviam rodar como a chave na fechadura / para que a luz não  
pudesse entrar, no verão, ou entrasse / completamente, no Inverno  
(o mecanismo é que não / funciona, fica só a intenção). Mas no  
meio dos dedos / de Matisse, o que navega é o corpo da odalisca  
que / ele tira do leito para lhe dar um movimento de dança, / como  
o que fazia o equilibrista, entre as mesas, / distraindo os comedores  
de couscous. Por causa disso, / não acabei o prato, vendo o barco  
que atravessava o Sena / entrar pelos olhos da odalisca, e sair do  
outro lado / da mesa, onde Matisse tinha pousado o caderno /  
para me perguntar se sabia dela, que fugira / do quarto à frente de  
um barco, e fora apanhada / pelo equilibrista que, num passe de  
mágica, a metera / na sua manga, para a levar de volta ao divã.

## MATISSE Y LA ODALISCA

Con el cuaderno en la mano, dibuja los bocetos que me recuerdan un almuerzo de couscous, hace unos años, con un equilibrista de por medio. Sin embargo, los dibujos tenían la luz del norte de África, muy diferente de la luz de París donde estaba la exposición; y si un barco atravesaba la esfera al alcance de mi vista, es porque estábamos en primavera y ya había turistas en el Sena, acechando el instituto del mundo árabe con sus ventanas necrológicas, que debían girar como la llave en la cerradura para que la luz no pudiese entrar, en verano, o entrase completamente, en invierno (el mecanismo es que no funciona, propone sólo la intención). Mas en medio de los dedos de Matisse, lo que navega es el cuerpo de la odalisca que él saca del lecho para darle un movimiento de danza, como lo que hacía el equilibrista, entre las mesas, distrayendo a los comensales de couscous. Por esa causa no terminé mi plato, viendo el barco que atravesaba el Sena entrar por los ojos de la odalisca, y salir por el otro lado de la mesa, donde Matisse tenía apoyado el cuaderno para preguntarme si sabía de ella, que huyó del cuarto a la vista de un barco, y fue sorprendida por el equilibrista que, en un pase de magia, se la metió en la manga, para llevarla de regreso al diván.



## OUTRA MADALENA

Victor Orsel

Mede com as mãos o espaço / de uma vida. Não sabe como se chamava, / quando viveu, que idade tinha / quando amou pela primeira vez. É / pura matéria o que tem pela frente, / e o frio do osso entra por ela, / pedindo uma conclusão. Mas / que pode ainda dizer? Nenhuma certeza / nasce do pó; e só um antigo / fogo reveste de saudade / a penumbra que a atormenta, / aquecendo-lhe o coração / onde pulsa o medo do mundo.

OTRA MAGDALENA  
Victor Orsel

Mide con las manos el espacio  
de una vida. No sabe cómo se llamaba,  
cuando vivió, que edad tenía  
cuando amó por vez primera. Es  
pura materia lo que tiene en la frente,  
y el frío del hueso entra por ella,  
pidiendo una conclusión.  
Mas ¿qué puede aún decir? Del polvo no  
nace certeza alguna; y sólo un antiguo  
fuego reviste de *saudade*  
la penumbra que la atormenta,  
calentándole el corazón  
donde late el miedo del mundo.



## ANATOMIA

Gabriel von Max (1840-1915)

Olho este rosto, com a surpresa / da sua imobilidade. Que suspiro  
suspendem / os seus lábios? Que imagem se esconde / sob as  
pálpebras fechadas? Digo-lhe: / «Amo-te». Como se a pudesse /  
despertar. São outras as palavras / que a poderiam trazer de volta,  
/ dissipando-se em nuvem no céu / da sua cabeça. «Nenhuma  
vida passa / duas vezes / pelo mesmo lugar», digo-lhe. E ela /  
sorri, como se me tivesse / ouvido.



ANATOMÍA  
Gabriel von Max (1840-1915)

Miro este rostro, con la sorpresa  
de su inmovilidad. ¿Qué suspiro en suspenso  
hay en sus labios? ¿Cuál es la imagen que se esconde  
bajo los párpados cerrados? Le  
digo: «te amo». Como si la pudiese  
despertar. Son otras las palabras  
que podrían traerla de regreso,  
disipándose en nube por el cielo  
de su cabeza. «Ninguna vida pasa  
dos veces  
por el mismo lugar», le digo. Y ella  
sonríe, como si me hubiese  
oído.



### NATUREZA MORTA COM MARX

As mulheres que traziam a fruta nos cestos, e / os pousavam no  
chão de pedra, em frente das casas, / para que as senhoras a  
pudessem escolher, só / sabiam o que era a luta de classes quando  
ouviam / discutir os preços que elas davam, e ou baixavam / ou  
não vendiam. Mas quando voltavam para o campo, / com os  
cestos vazios, e os bolsos também / pouco mais do que vazios,  
pensavam noutras / coisas: no que as esperava nas casas onde /  
a doença entrava com o inverno, e no que poderia / acontecer se  
não chovesse, e as árvores secassem / de um ano para o outro. Nas  
casas das senhoras, / porém, o cesto de fruta, em cima da mesa, /  
não fala destas coisas. E quando alguém ia tirar / as uvas, para as  
provar, o sabor nada tinha de amargo, / a não ser que, num breve  
instante, a imagem / das mãos que as apanharam, naquela  
madrugada, / não voltasse a trazer a ideia da luta / de classes para  
dentro do cesto.

## NATUREZA MUERTA CON MARX

Las mujeres que traían la fruta en los cestos, y los apoyaban en el suelo de piedra, enfrente de las casas, para que las señoras pudiesen escoger, sólo sabían lo que era la lucha de clases cuando oían discutir los precios que ellas daban, y los bajaban o no vendían. Pero cuando regresaban al campo, con los cestos vacíos, y los bolsos también poco más que vacíos, pensaban en otras cosas: en lo que las esperaba en las casas donde la enfermedad llegaba con el invierno, y en lo que podría suceder si no lloviese y se secasen los árboles de un año para otro. En las casas de las señoras, sin embargo, el cesto de fruta, encima de la mesa, no habla de estas cosas. Y cuando alguien tiraba de las uvas, para probarlas, el sabor nada tenía de amargo, a no ser que, por un breve instante, la imagen de las manos que las cogieron, aquella madrugada, no volviese a traer la idea de la lucha de clases al interior del cesto.



### A LECTORA

Na penumbra da sala, um candeeiro / ocupa o centro do teu mundo. / Lês a vida pelo livro que segurás / na mão, aberto na mesma página. / Pelos vidros da janela, um resto de azul / esvai-se com a noite que chega. / Mas não vês o mundo, lá fora, / nem ouves nada do que se passa. / As flores murcharam na jarra, / o sofá continua vazio. / E lês a mesma página de sempre, / para que também a tua vida não mude.

## LA LECTORA

En la penumbra del salón,  
una lámpara ocupa el centro de tu mundo.  
Lees la vida en el libro que sostienes  
en la mano, abierto por la misma página.  
Por los cristales de la ventana, un resto de azul  
se desvanace con la noche que llega.  
Pero no ves el mundo, ahí fuera,  
ni oyes nada de lo que sucede.  
Las flores se marchitaron en el jarrón,  
el sofá sigue estando vacío.  
Y lees la misma página de siempre,  
para que tu vida no cambie tampoco.